

ROCHA PEIXOTO

OBRAS

VOLUME III

PRIMEIRAS INTERVENÇÕES NA IMPRENSA.
CATÁLOGOS, RELATÓRIOS E TEXTOS AFINS.
ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA. NOTÍ-
CIAS E COMENTÁRIOS. NOTAS BIO-BIBLIO-
GRÁFICAS. CRÍTICAS E RECENSÕES. POLÉMICAS.

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM
1975

[BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO] (*)

«... Sr. redactor:

No número da «Voz Pública» de 20 do corrente exibem-se alguns comentários desfavoráveis a determinados serviços da Biblioteca Pública do Porto e decalcados sobre queixas expostas a essa ilustre redacção. Não tendo a menor sombra de dúvida sobre a honorabilidade e elogiáveis intenções de quem redigiu a notícia, é-me vedado, todavia, em homenagem à verdade, tornar extensiva a mesma opinião às fontes informadoras.

(*) Carta aberta publicada no jornal *A Voz Pública*, do Porto, em 23 de Dezembro de 1908 (p. 1).

Trata-se da resposta de Rocha Peixoto a este texto publicado no mesmo jornal em 20 de Dezembro (p. 1):

«Biblioteca Pública

Ao seu ilustre director:

Queixas sobre queixas nos vêm chegando a propósito da maneira como os leitores são tratados na Biblioteca Municipal.

Umás vezes, é a falta de penas o motivo das reclamações; outras, é a circunstância censurável de os pedidos de obras ou não serem satisfeitos, por motivos que na ocasião convém invocar, ou serem satisfeitos após um largo intervalo.

Nós sabemos muito bem que há obras de certo valor e com que são requeridos especiais cuidados, que, portanto, não podem entregar-se a todas as mãos. Mas, nesse caso, o que mais coerente nos parece, era apor-se ao título da obra a designação de — *apenas facultado de determinada idade em diante!*... Agora, apresentam-se catálogos sem ressalvas de natureza alguma, e, por critério próprio, resolver-se, talvez por mera simpatia, o dar-se ou não certa obra — é que nos parece *monarquia* demasiada.

Quanto ao facto da demora na satisfação das requisições, em que se tem alegado falta de pessoal, deve haver pessoas a quem compita tratar do assunto. A elas, pois, entregamos a solução do caso.

O que, de modo algum, parece justo e admissível, é a circunstância de se impedir, consciente ou inconscientemente, a leitura ou consulta de uma obra, seja ela qual seja».

Na Biblioteca Municipal não sucede, à imitação do que está estabelecido na Biblioteca Nacional de Lisboa, facultar-se aos leitores apenas os livros requisitados, cabendo a cada qual munir-se das canetas e aparos de que careça para o registo das suas notas. Durante os 20 anos que a frequento, e incluindo os 8 em que a administro, estiveram sempre patentes tinteiros, penas e papel de chupar, *em todas as mesas, ininterruptamente e sem excepção.* (*)

Semelhante informe, já reedição doutro há um ano transmitido a alguns jornais e ainda recentemente as várias folhas do Porto, é um perene gracejo bem infeliz pelo desmentido que se oferece a quem tenha observado ou ainda queira verificar a sua inexactidão. Sucede mesmo que aos estudiosos de qualquer procedência, nacional ou estrangeira, se facultam, dentro da capacidade orçamental, recursos de trabalho e expediente a que regulamento algum obriga — e muito menos lá fora! — conformando-se da melhor boa vontade as corporações administrativas que têm superintendido na Biblioteca com os bons desejos da actual gerência na facilitação de todos os meios possíveis para o bom êxito das ocupações literárias de qualquer investigador que se apresente.

A reprodução fotográfica de manuscritos ou ilustrações, o calco de mapas e plantas, a extracção de públicas formas só se conseguem, em qualquer biblioteca estrangeira, depois de deligências laboriosas e às vezes infrutíferas!

Ora podíamos dar a lista das pessoas e entidades que conseguem e realizam tais serviços com uma simples autorização verbal do director, ressalvadas, é claro, todas as condições de fiscalização e segurança!

Acerca dos pedidos de obras «que não são satisfeitos por motivos que na ocasião convém invocar ou só após um largo intervalo», é efectivamente exacto não se permitir, a mocinhos do liceu, a consulta, por exemplo, da Memória ilustrada das pinturas e esculturas pornográficas de Pompeia! E é e será, enquanto superiormente não me determinarem que indistintamente as faculte!

(*) Rocha Peixoto fora *Bibliotecário* [director] *interino* da Biblioteca Pública do Porto desde 28 de Junho de 1900 a 16 de Junho de 1904, e era, a partir da última data, *Bibliotecário* [director] *efectivo*.

ROCHA PEIXOTO

E afora este caso especial, aliás de vulto bem restrito, também succede que ao consulente apenas desejoso de leitura e sem nenhuma preocupação bibliológica se cedem as edições mais vulgares sempre que outras, já muito raras e em regra danificadas pelo uso, se destinem, assim legitimadas, à Secção de Reservados. As pessoas alheias aos serviços biblioteconómicos pareceria fácil, porventura, o registo de semelhantes deliberações, sempre actualizado, nos catálogos. Também a mim! Mas uma vez de dentro é que se verifica a impraticabilidade, tão prestes quanto seria desejável, de semelhante prevenção. De resto, todos os catálogos impressos são de datas anteriores à minha criação da Secção de Reservados.

Por fim, se o pessoal não abunda, é, todavia, suficiente para o serviço de leitura, retardado às vezes, ligeiramente, em ocasiões de maior afluência! Já têm estado 40 pessoas na sala! Ainda não succedeu, entretanto, como na Biblioteca Nacional de Paris, depois das impertinências de acesso sabidas, esperar alguém *20 minutos*, a fim de que lhe fosse entregue um livro vulgaríssimo! Para frequentar a Biblioteca do Porto não é mesmo necessária a diligência prévia, como em Paris, duma carta de ingresso, nem, como na de Londres, dum depósito de garantia. Entra-se com esta fácil doçura dos costumes portuguezes, num vestiário onde, além de se trocar por uma ficha chapéu, agasalho e volumes, se procede, querendo, a uma ligeira desinfecção e toilette, recebendo-se o que se deseja, se existe, alguns minutos após um simples registo do nome, da obra pedida e duma rubrica! Porventura estas tão ténues e bonómicas formalidades explicam, quando mais restrito era o pessoal, os devaneios artísticos, e em regra eróticos, com que se ilustravam a lápis as margens de alguns volumes do estabelecimento!

Esta aclaração exaro-a manifestamente, pelo motivo de se encontrarem na redacção da «Voz Pública» pessoas a quem muito prezo, ou por antiga afeição ou pela consideração que merecem, e, a um tempo, para esclarecimento daqueles que decerto estranhariam os comentários que motivam estas letras. A verdade, porém, é que quem acusa não reclamou, antes de ir para os jornais, nem perante alguns dos conservadores que, por escala, presidem sempre à sala de leitura, nem perante o director. Depois destas explicações os motivos são bem transparentes e integraram-se numa parte daquele passo do nosso refraneiro que diz:

É manhã de Portugal,
Comer e dizer mal.

A consulta e a visita a todas as dependências da Biblioteca são públicas e inteiramente gratuitas. Ora, quem quiser, agora e sempre, pode lá contraprovar estes assertos.

Porto, 22 de Dezembro de 1908. De v... etc.
O Bibliotecário, *Rocha Peixoto*. (*)

ANTROPOLOGIA
E
ARQUEOLOGIA

(*) Devo o conhecimento deste texto de Rocha Peixoto ao meu amigo Sr. José de Almeida Pereira Vale, competente funcionário da Biblioteca Pública Municipal do Porto, a quem agradeço a amabilidade da informação.